

O Mal e o Sofrimento na Perspectiva Jansenista: síntese à teologia filosófica de Blaise Pascal

Gustavo Henrique Lira[1]

Resumo: Este artigo tem como objetivo, estudar como o jansenismo observa a questão do mal e do sofrimento, a partir da perspectiva de Cornelius Jansenius, mas em especial, do grande jansenista Blaise Pascal. A proposta é fazer uma síntese teológica-filosófica da causa primária da desordem cósmica, a saber a queda adâmica. Desde então, suas consequências permeiam todo o cosmos e também o estado antropológico do homem. Veremos como a graça eficaz cumpre o papel de restaurar, ou seja, trazer a redenção para todo o cosmos e para a natureza caída do homem e como essa graça representa a certeza da vitória sobre o mal e o sofrimento.

Palavras-chave: Mal. Queda. Jansenismo. Pascal. Graça.

Abstract: This article aims to study how Jansenism observes the issue of evil and suffering, from the perspective of Cornelius Jansenius, but especially the great Jansenist Blaise Pascal. The proposal is to make a theological-philosophical synthesis of the primary cause of cosmic disorder, namely the Adamic fall. Since then, its consequences permeate the entire cosmos and also the anthropological state of man. We will see how effective grace fulfills the role of restoring, that is, bringing redemption to the entire cosmos and to man's fallen nature, and how this grace represents the certainty of victory over evil and suffering.

Keywords: Evil. Fall. Jansenism. Pascal. Grace.

Introdução

É verdade que o mal e o sofrimento se constituem um problema para a fé cristã. Quantos desastres naturais, terremotos que destruíram civilizações quase que inteiras, tsunamis que devastaram tudo que encontravam pela frente, doenças, pragas, pandemias. E o que dizer do mal produzido pelo próprio homem, através de guerras e tramas de bombardeios

e armas biológicas? Obviamente resultando em sofrimentos tanto para quem os pratica, quanto muito mais para os que são alvos da prática. Diante dessa constatação, surge a pergunta: onde está Deus? ele se importa?

Podemos fazer uma síntese do problema nos seguintes termos: 1) Enquanto onisciente e onipotente, tem conhecimento de todo o mal e poder para acabar com ele. Mas não o faz. Então não é benevolente. 2) Enquanto onipotente e benevolente, então tem poder para extinguir o mal e quer fazê-lo, pois é bom. Mas não o faz, pois não sabe o quanto mal existe e onde o mal está. Então ele não é onisciente.

3) Enquanto onisciente e benevolente, então sabe de todo o mal que existe e quer mudá-lo. Mas não o faz, pois não é capaz. Então ele não é onipotente.

Esse problema, também chamado de paradoxo de Epicuro já foi refutado no mínimo desde Santo Agostinho, com suas várias obras que abordam o famoso problema do mal e à condição do homem diante de Deus. No entanto, o que propomos aqui é uma busca por repostas na teologia filosófica de Blaise Pascal, que segue Jansenius e Agostinho de Hipona no tocante a causa primária do mal, que conseqüentemente redundam em sofrimentos. Para tal, veremos o que é jansenismo e o que pensavam os jansenistas, apresentaremos o mais ilustre dos jansenistas principal seguidor do pensamento de Cornelius Jansenius, Blaise Pascal; suas obras mais famosas e o que ele nos oferece como resposta, com respaldo teológico-filosófico acerca do problema supracitado.

1. O jansenismo

O jansenismo é uma doutrina religiosa inspirada nas ideias de um bispo de Ypres, Cornelius Otto Jansenius. No século XVI, O movimento tem caráter dogmático, moral e disciplinar, que assumiu também contornos políticos, e se desenvolveu principalmente na França e na Bélgica. Defende uma interpretação das “teorias” de Agostinho de Hipona sobre a predestinação contra as “teses” tomistas do aristotelismo e do livre arbítrio.

É no século XVII que há uma espécie de retorno as antigas discussões teológicas entre Agostinho e Pelágio. Só que nesse cenário o jansenismo reafirma a teologia filosófica de Santo Agostinho, em relação ao estado antropológico do homem pós-queda adâmica, de total incapacidade de escolher o bem, em contraposição ao que pensavam os jesuítas e molinistas, que defendiam o livre arbítrio e a salvação por meio das obras.

Em suma, Jansenistas eram os agostinianos franceses modernos, principalmente do século XVII. Luiz Felipe Pondé define que a tradição jansenista “era marcada pela crítica das falsas virtudes e das mentiras sobre si mesmo que sustentam o homem” (PONDÉ, 2014, p. 62). O aspecto mais marcante do jansenismo é sem dúvidas o pessimismo quanto a moralidade e integridade do homem. No livro: *Discurso da reforma do Homem interior*, Jansenius acentua duas características que marcam de forma significativa o que podemos chamar de centro do pensamento jansenista: o pessimismo em relação à natureza humana e a absoluta dependência da graça divina para vencer o pecado. Em suas descobertas verificou que há uma diferença entre a graça de Adão e a de Jesus Cristo, sendo que a graça dada a Adão em seu estado de inocência, são e livre, permitiria ao homem escolher entre o agir bem ou o agir mal, de modo que a graça dada por Jesus Cristo ao homem caído é totalmente diferente, pois trata-se de uma graça libertadora e redentora que se apropria da vontade do homem e a submete a vontade regeneradora de Deus. É exatamente a partir desta perspectiva teológica-filosófica que Blaise Pascal vai seguir.

2. Blaise Pascal

Blaise Pascal nasceu no dia 19 de junho de 1623 em Clermont, no Auvergne, região da França, na *rue des Grands-Grads*, e fora batizado dia 27 de junho, na igreja *Saint-Pierre-de-Clermont*. Seu pai chamava-se Étienne (1588-1651), era um advogado e tinha uma condição financeira privilegiada, sem falar que era um exímio conhecedor do grego e do latim, assim como da matemática. Em 1616 casa-se com Antoinette Begon, esta porém, morreu três anos após o nascimento de Pascal. Aos 11 anos Étienne, pai de Pascal começa a perceber a genialidade do filho e o põe para estudar grego e latim, hábil para aprender não demorou muito até que despontasse como um promissor matemático.

Mais tarde Pascal tornar-se-ia um dos grandes matemáticos da França, escritor, físico, inventor, filósofo e teólogo católico francês. Os primeiros trabalhos de Pascal dizem respeito às ciências naturais e ciências aplicadas. Aos 19 anos inventou a primeira máquina de calcular, chamada de máquina de aritmética, matemático de primeira linha, criou dois novos campos de pesquisa: primeiro, publicou um tratado de geometria projetiva aos dezesseis anos; então, em 1654, ele desenvolveu um método de resolver o "problema dos partidos", que, dando origem, no decorrer do século XVIII, ao cálculo das probabilidades, influenciou fortemente as teorias econômicas modernas e as ciências sociais.

Depois de uma experiência mística que experimentou, em 23 de Novembro de 1654, entre dez e meia e meia-noite e meia, conta-nos Jonas Madureira (2017), dedicou-se à reflexão não apenas filosófica, mas religiosa, no perfeito entendimento conforme suas palavras acerca do “Deus de Abraão, Deus de Isaque, Deus de Jacó, não dos filósofos e dos sábios” (PASCAL apud, MADUREIRA, 2017, p. 90). Mas não renunciou ao trabalho científico.

2.1 Obras

Escreveu durante este período *As provinciais*, escritas em meio ao pesado clima religioso do século XVII. O palco religioso no século XVII é habitado por um furacão de ideias composto por Luteranos, Calvinistas, Molinistas e Jansenistas. O caráter terrificante deste fenômeno é marcado pela proliferação de doutrinas que dissipavam cada vez mais a união da Igreja, considerada entre os cristãos como o corpo místico de Cristo. *As provinciais*, são uma série de cartas anônimas vendidas clandestinamente em Paris e posteriormente publicadas sob o pseudônimo de Louis de Montalte. Estas cartas foram redigidas em defesa do jansenista Antoine Arnauld, amigo de Pascal que estava sob julgamento dos teólogos de Paris por se opor aos jesuítas. Obra somente publicada após a sua morte, que ocorreu dois meses após o seu 39º aniversário, quando já se encontrava muito doente, sofria de terríveis enxaquecas. E escreveu também *pensamentos*, esta última, com mais ênfase teológica e filosófica, sobre a questão do mal e do sofrimento, na perspectiva da graça irresistível, esta talvez tenha sido sua obra mais notável.

2.2 Busca por respostas

É importante esclarecer que o principal fator que moveu o jansenismo como movimento não foi unicamente a busca de uma solução para o problema do mal. A controversa com os jesuítas acerca da natureza do homem, seu estado e sua salvação está no centro das discussões. Mas ao longo do desenvolvimento da doutrina é inevitável que o tema ganhe relevância, visto que foi constatado que há uma desordem cósmica e antropológica. O que impeliu Blaise Pascal a buscar respostas para a questão do mal e do sofrimento, foi o aterrador vazio de sentido para a vida e o medo do arremate final trazido pela evidência e realidade da morte. Sua reflexão parte do marco bíblico, assim como Agostinho, na queda de Adão no Paraíso. Conquanto Agostinho tenha entrado na questão do motivo do pecado,

Pascal não parte para tal minúcia, ele parte da ideia de que simplesmente o “homem pecou”. E o amor-próprio, é a raiz de todos os pecados e males que se seguem.

Como nos informa Adrei Venturine Martins, Afim de mostrar que o amor-próprio é o marco que impeliu o homem à queda, Pascal o faz expressando aquilo que aprendeu de dois grandes personagens, Há a sugestão segundo Mesnard, apud Martins (2017), de que, talvez estes dois personagens fossem Santo Agostinho, através da obra *A cidade de Deus* e Cornelius Jansenius através da obra *Augustinus*. Se tal suposição se sustenta, acerca das influências agostinianas e jansenistas no pensamento pascaliano, não se sabe ao certo, o fato é que, é inegável que em vários aspectos, há similaridade, principalmente no que diz respeito a queda do homem, a redenção e a graça irresistível.

Conquanto vemos que, em síntese, Agostinho atribui ao livre arbítrio do homem sua queda, ou como informa Martins (2017) para Agostinho, o orgulho se manifesta como a fonte de todos os males, porque é através dele que o homem deseja se elevar ao mesmo patamar do seu Criador. O orgulho também permeia o pensamento de Jansenius, quando trata acerca do que ocasionou a queda.

O homem não subiu como devia o regato subir, este que lhe parecia tão agradável, em direção a fonte de onde tinha saído, mas desligou-se de seu autor, quis ser só para si, governar-se por sua própria autoridade, em lugar de receber a lei daquele que ele devia dar. [...] E o que é o orgulho senão o desejo desta injusta grandeza? E de onde vem este desejo, senão do amor que o homem dirige a si? E a que este amor vai desaguar senão em abandonar este bem soberano e imutável que devemos amar mais que a nós mesmos? [...] Assim, o orgulho tendo corrompido a vontade do homem, como se por esta presunção seus olhos fossem fechados e obscurecidos, as trevas formaram-se dentro do seu espírito e ele tornou-se cego até tal ponto que um dos dois acreditou que a serpente lhe dizia a verdade, e o outro, se tornando companheiro daquela que era sua parceira em sua vida e felicidade, acreditou que sua desobediência a Deus não seria senão uma falta perdoável (JANSENIUS, 2016, p. 59).

Pascal fala muito mais acerca do amor próprio, e o que seria esse amor próprio como mal? A abordagem do tema do mal, enquanto moral e físico por Pascal, parte da ideia, da existência de dois amores.

A verdade que abre este mistério é que Deus criou o homem com dois amores, um por si mesmo [soi-même], mas com esta lei, que o amor por Deus seria infinito, isto é, sem nenhum outro fim senão Deus mesmo, e que o amor por si mesmo seria finito e relacionado a Deus (PASCAL apud, MARTINS, 2017, p. 101).

O mistério do qual fala, é o pecado original, ele assim se refere em sua obra *pensamentos* (PASCAL, 2002), de que o pecado original é concebido como um mistério. Então, Deus ao criar o homem, colocou nele a capacidade de amar infinitamente o que é infinito, a saber o próprio Deus, e amar com o amor finito, o que é finito, toda a criação de Deus, e o próprio homem. Nessa gênese da teoria do pecado original em Pascal, há uma relação de proporcionalidade perfeita. A ordem cósmica está perfeitamente estabelecida, há justiça, o amor infinito destinado ao objeto infinito e o amor finito destinado ao objeto finito. Deus criou o mundo, criou o homem, equilibrou tudo isso e deu liberdade ao homem.

De alguma maneira, Pascal não entra em detalhes, o homem usou da liberdade e pecou, Luiz Felipe Pondé sugere que a causa da queda do homem, segundo Pascal, foi a inveja de Deus (PONDÉ, 2014, p.64). Após o pecado, conforme (MARTINS, 2017), o homem ainda continua com essas duas capacidades de amar, sendo que de forma contrária a anteriormente estabelecida por Deus. O amor finito continuava nele, e ele ainda direcionava as coisas finitas, mas o amor infinito, ele não tinha mais para quem entregar, porque o objeto infinito havia, virado as costas para ele. O homem pecou, e Deus se afasta deste, ou melhor, o afasta de sua presença. O homem então, não tem para quem direcionar esse amor infinito, e direciona para si mesmo.

Agora já não há mais uma relação de proporcionalidade, porque o amor infinito está sendo destinado ao ser finito. É daí a definição de amor-próprio, é um amor infinito, que o homem volta para si, o homem é então, um ser finito que se ama, infinitamente. No entanto, é importante observar que existia também amor próprio antes da queda, ao passo que o homem deveria amar a Deus, ele também deveria ter amor por si próprio enquanto criatura do seu Deus, mas não de forma deturpada “afirmamos que há em Pascal um amor próprio antes da

queda, justo e obediente à ordem estabelecida por Deus, e um amor-próprio depois da queda, mas este [...] em sua versão corrompida e maculada” (MARTINS, 2017, p. 106).

Nesse sentido, o amor-próprio pós-queda é esse mal que desequilibra a ordem da criação de Deus. O primeiro mandamento é por assim dizer, amar a Deus sob todas as coisas, quando o homem se ama infinitamente, ele se ama sob todas as coisas. E o homem no Edem ao ser tentado, se entrega não somente a curiosidade, mas ao desejo (que Luiz Felipe Pondé chama de “inveja de Deus) de querer ser igual a Deus. O pecado e também suas consequências são repassadas a todos os descendentes de Adão. Ao passo que o homem é nesse estado, alguém que se ama infinitamente, mas que é finito, é o que Pascal chama de grande vazio, ou que há um hiato do tamanho de Deus no homem, que só Deus pode preencher “[...] porque esse abismo infinito só pode ficar cheio de um objeto infinito e imutável, isto é, o próprio Deus” (PASCAL, 2002, p. 269). Mas o homem vive em atitude de negação. “É sem dúvida um mal ser cheio de defeitos; mas, é ainda um mal maior ser cheio deles e não querer reconhecê-los, de vez que isso é ajuntar-lhes ainda o de uma ilusão voluntária” (PASCAL, 2002, p. 228). Tanto Pascal, quanto qualquer cristão comum, que tenha em mente, a doutrina bíblica da queda e da depravação humana, não pode negar duas certezas aparentemente controversas: primeiro, a certeza de um Deus Justo e segundo, um mundo injusto. “Na medida em que a retidão é uma parte essencial do caráter de Deus, ele não pode ignorar o pecado sem o pagamento adequado para esse pecado” (COUCH, PENNEY *et al.*, 2009, p. 306). Assim como Pascal, devemos ter em mente, de onde parte, ou qual a causa dessa injustiça no mundo, a saber, o que já supracitamos a respeito da queda.

Ai reside todo caráter pessimista em relação ao homem. De modo que, ele nada consegue realizar de bom, de si mesmo. Antes, está entregue a miséria desse grande vazio infinito ou abismo infinito, “pois tanto vazio infinito como abismo infinito são figuras do abandono de Deus, isto é, o próprio objeto infinito” (MARTINS, 2017, p. 211). E o que o homem faz para lidar com isso? Para pascal, de acordo com o fragmento 136 dos pensamentos (PASCAL, 2002, p. 249), ou o ser humano está no tédio,^[2] ou no divertissement.^[3] Não há uma possibilidade de uma felicidade perene e duradoura nessa vida, eis o mal, ou o homem está entregue totalmente ao seu estado de ruína, loucura, inerte com a ciência de si mesmo (tédio), ou se auto enganando, impedido de pensar, insensível, alheio a sua condição, (divertissement). O divertimento, em Pascal não está apenas relacionado ao lazer, mas também a um trabalho, a uma ocupação qualquer, uma posição

política, os estudos ou ainda uma vida religiosa. O interessante é que para Pascal, o homem não pode ficar muito tempo sozinho, em um quarto pois sentirá tédio e angústia. Por isso ele estará sempre buscando para si algo que o faça esquecer da sua existência miserável.

Diante de tal visão pessimista do homem, qual a solução para esse mal? Pascal recorre a Agostinho, e aponta que o vazio eterno, que o amor-próprio deturpado produziu, só pode ser preenchido se esse amor infinito encontrar seu verdadeiro objeto de devoção, e ele aponta o Cristo mediador. Diferentemente de Aristóteles e Tomás de Aquino, que buscavam chegar ao conhecimento de Deus e sua vontade moral a partir das leis naturais

Pascal expressou sua recusa do Deus dos filósofos, para ele, o conhecimento de Deus independente de Jesus Cristo é inútil, e, dependendo do contexto, pode ser até prejudicial, uma vez que favorece apenas a vaidade e a soberba (MADUREIRA, 2017, p. 91).

E essa condição, só pode ser mudada pela graça de Deus, revelada no Cristo mediador. A ordem cósmica e a balança da proporcionalidade só podem ser restauradas pela graça divina. A solução para o mal e o sofrimento está na graça. Ele vai dizer que a “graça não é dada a todos os homens e que a graça eficaz é que determina nossa vontade de fazer o bem” (PASCAL, 2016, p 20). A falta da graça eficaz de Deus, traz mais e mais injustiça sob um mundo desorganizado. Essa graça ele dá a quem ele quer.

Somente o objeto infinito poderia cumprir às exigências do sacrifício perfeito. O homem precisa de redenção, mas ela não está em seu poder, nem nas criaturas, ela não pode ser conquistada ou merecida. É unicamente o mérito do Cristo mediador que concede tal favor.

É prerrogativa soberana de Deus dar a sua graça a quem lhe agrada (Rm 9.18). Até mesmo com aqueles que ele escolhe para chamar, justificar e purificar, ele reserva o privilégio de declarar paz a consciência deles (LUNDGAARD, 2014, p.130).

Esse é o entendimento de graça irresistível, e seu real sentido, que vem desde Agostinho, Jansenius, Pascal e Calvino até os dias de hoje entre aqueles que se chamam calvinistas.[4] Cristo mediador, segundo Pascal, aparece como solução definitiva para esse

estado de total desgraça, entregue ao mal do homem. Mas somente aos que recebem dele, a graça. Esse aspecto da graça como solução para o mal no mundo é característico em Agostinho, Blaise Pascal e Calvino, mas há tentativas de explicar ou resolver o problema do mal, totalmente distintas do que mencionamos. No entanto, acreditamos que esse entendimento jansenista pascaliano é eficiente, enquanto filosófico e fiel, enquanto bíblico, não havendo razões para apresentar e defender qualquer tentativa de resolução que seja distinta da supramencionada teologia filosófica de Blaise Pascal.

Considerações Finais

Pascal busca explicar não somente o estado antropológico do homem em si, mas sua condição espiritual é evidente. Por isso falamos de sua perspectiva a partir de uma abordagem teológica-filosófica. Teologia e filosofia nunca estiveram tão intimamente ligadas quanto no pensamento jansenista de Pascal. Herança agostiniana. A julgar pelas causas que levam à queda antropológica, o ponto de partida é criação e como, ao criar, Deus equilibrou tudo e entregou aos cuidados do homem. Este, por sua vez, não se satisfaz em ser o regente da criação, escolhe tentar ser igual a Deus. Eis o mal.

Uma vez que o homem Adão pecou, e com ele toda raça humana, a morte e sofrimentos na vida passaram a todos. Por isso só a redenção por meio de um representante justo e puro, poderia então, equilibrar de novo a proporcionalidade dos “amores”: o amor infinito, em Cristo mediador, volta a ser destinado ao objeto infinito, a saber o próprio Deus. O amor finito destinado as coisas e ao próprio homem. Blaise Pascal não é um simples pessimista, diante de uma realidade que a Bíblia e própria experiência de vida apresenta, ele apenas tenta mostrar que o homem nada mais é do que, um total miserável dependente da graça de Deus. Assim, aquele paradoxo da síntese do mal, como argumento para a não existência de um Deus, bom, onisciente e onipotente não se sustenta, porque todo ônus em relação a existência do mal e do sofrimento recai sobre o próprio homem. E a negação dessa realidade antropológica e espiritual nada mais é, do que autoengano. Para uma sociedade onde o eu é quem prepondera, essa concepção não poderia cair melhor. Deveria pôr abaixo toda soteriologia humana, toda autossuficiência e toda expectativa do homem atual, ser o único capaz, de a partir, de suas concepções ideológicas, fazerem cessar todo mal e sofrimento na terra. Isso é impossível a luz do que já observamos. Possível somente pela graça.

Referências

A BÍBLIA. **Bíblia de estudo de Genebra**. Tradução de João Ferreira Almeida. Almeida Revista e Atualizada 2ª Ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009. 1969 p. Antigo Testamento e Novo Testamento.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia: Volume 1**. São Paulo: Hagnos, 2014.

COUCH, Mal. *Et al.* **Os fundamentos para o século 21: examinando os principais temas da fé cristã**. São Paulo: Hagnos, 2009.

COUTINHO, João Pereira; PONDÉ, Luiz Felipe; ROSENFELD, Denis. **Por que virei a direita**. São Paulo: Três estrelas, 2014.

JANSENIUS, Cornelius. **Discurso da reforma do homem interior**. São Paulo: Filocalia, 2016.

LUNDGAARD, Kris. **O mal que habita em mim**. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MARTINS, Adrei Venturine. **Do reino nefasto do amor-próprio: a origem do mal em Blaise Pascal**. São Paulo: Filocalia, 2017.

PASCAL, Blaise. **As provinciais: ou cartas escritas por Louis Montalte a um provincial seu amigo e aos reverendos padres jesuítas sobre a moral e a política desses padres**. São Paulo: Filocalia, 2016.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos de Pascal**. São Paulo: Abba Press, 2002.

SPROUL, Robert Charles. **Filosofia para iniciantes**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

[1] Bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Evangélico Congregacional STEC-Caruaru e Pela Faculdade de Teologia Integrada (FATIN)- Igarassu Pernambuco. Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento e em Teologia Filosófica pela UniFil. Graduando em História pela UniCesumar, Pós-graduando em Ciência política, pela UniCesumar.

[2] Tristeza profunda do homem, é a condição miserável que permite à criatura ver a si mesma sem desvio, sem ofuscamento. O homem percebe toda sua fragilidade no tédio, identifica tudo que o ameaça, sejam as doenças, a morte, os acidentes, a tortura, a prisão, o abandono e a solidão (MARTINS, 2017, p. 225).

[3] Divertimento. A diversão nos consola de nossas misérias porque ela é capaz de nos fazer esquivar de nossas misérias. O *divertissement* tem seu efeito anestésico da existência (PASCAL, 2002).

[4] Calvinismo é o termo que aponta para as doutrinas enfatizadas por João Calvino, bem como para suas ideias, conforme foram ressaltadas e interpretadas pelos eruditos calvinistas do século XVIII. Aplica-se, a grosso modo, às igrejas que se originaram sob a influência de Calvino (CHAMPLIN, 2014, p.603).